

7. Conclusão

O caminho trilhado pelo presente trabalho conduz à conclusão de que o dualismo é um equívoco. Qual é a gênese do erro? Em primeiro lugar existe sem sombra de dúvida, o medo do avanço desenfreado da ciência sobre domínios que outrora não lhe pertenciam. A própria psicologia científica só aparece como disciplina independente em fins do século XIX. Evidentemente, aqueles de inclinação espiritual têm fortes razões para rejeitar qualquer tese fisicalista sobre a mente. Sobre tal convicção não há nada a comentar aqui, exceto a associação comumente feita entre insignificância moral e matéria, de um lado, e importância moral e espiritualidade/eternidade, de outro. O estranhamento instintivo do fisicalismo por parte da *folk psychology* foi sem dúvida alimentada por crenças do tipo. Daniel Dennett argumentou persuasivamente que a *folk psychology* coincide com um imaginário cartesiano, que por vezes se manifesta até mesmo em artigos neurocientíficos.⁴⁷⁷ Se quisermos mencionar a psicologia do fisicalismo, aliás, será lícito mencionar que tal posição atraía certos intelectuais justamente por, como diz Taylor, “subverter a religião e a moralidade tradicionais”.⁴⁷⁸ Em um mundo onde a ciência dá as cartas, desaparece “A ideia dominante [...] da pureza do ser pensante, de sua extrema heterogeneidade em relação à natureza física inerte e de seu *status* transcendentemente superior.”⁴⁷⁹ Por isso, teme-se a trivialização ou a banalização da mente exposta ao escrutínio científico; a possibilidade de desenvolvimento de tecnologias de intervenção sobre a mente parece tornar essa última vulnerável a uma instrumentalização ou robotização do ser humano. É sem dúvida interessante, então, que a discussão de Taylor mencione a reviravolta de um autor que encontra um *insight* quase espiritual no fisicalismo. O cientista cognitivo Douglas Hofstadter, comentando “o horror

⁴⁷⁷ A desconstrução do imaginário cartesiano na filosofia da mente e interpretação da neurociência é um dos principais temas de *Consciousness Explained* (Dennett 1992). Ver particularmente p. 101-170.

⁴⁷⁸ *As Fontes do Self* (Taylor, 1997), p. 447.

⁴⁷⁹ *Idem*, p. 446.

instintivo a qualquer ‘explicação simplificada’ da alma”⁴⁸⁰ diz ter encontrado “no reducionismo a religião suprema”⁴⁸¹:

Talvez toda uma vida em contato com a física e a ciência em geral tenha me despertado um temor respeitoso e profundo ao ver como objetos e experiências mais substanciais e familiares se desvanecem, à medida que nos aproximamos da escala infinitesimal, num éter sinistramente insubstancial, uma miríade de vórtices rodopiantes efêmeros de atividade matemática quase incompreensível. Em mim, isso evoca uma admiração cósmica reverente.⁴⁸²

Se adotarmos a visão de Hofstadter, mesmo que parcialmente, perceberemos que, além de não trazer empobrecimento teórico, o fisicalismo não precisa trazer um empobrecimento da imaginação.

Chegou o momento de relacionarmos o fisicalismo às ideias naturalistas na filosofia da ciência. O naturalismo, lembremos, é a posição segundo a qual tentativas de fundamentar filosoficamente a ciência serão sempre enganosas. Naturalistas acreditam que isso não é um problema para a ciência, que não necessita de tal justificativa.⁴⁸³ Diante dessa perspectiva, é natural que os filósofos, além de refletirem sobre a sua consistência enquanto posição filosófica, reflitam sobre o futuro de sua disciplina. Se tudo o que existe faz parte do escopo da ciência, qual o lugar da filosofia? A tese naturalista de Quine sobre as perspectivas de uma epistemologia predominantemente filosófica já trazia à tona um questionamento sobre a relevância e o futuro da filosofia enquanto disciplina. Em seu artigo “Epistemology naturalized”,⁴⁸⁴ de 1969, Quine, descrito por Peter Godfrey-Smith como “a figura que teve mais influência sobre o naturalismo”,⁴⁸⁵ afirma que a ampla coincidência do escopo da psicologia científica com os domínios da epistemologia filosófica justifica a absorção completa da segunda pela primeira. De fato, todas as questões relevantes levantadas pela epistemologia estão destinadas a encontrar respostas na psicologia. Jaegwon Kim comenta que, na epistemologia entrevista por Quine,

⁴⁸⁰ Idem, p. 447.

⁴⁸¹ Ibidem

⁴⁸² Ibidem.

⁴⁸³ Idem, p. 150. Godfrey-Smith afirma que o naturalismo pode ser definido como uma oposição ao fundacionalismo (*foundationalism*), a perspectiva que defende a elaboração de uma filosofia da ciência “a partir de um ponto de vista externo e mais seguro [que a ciência]” (ibidem, minha tradução).

⁴⁸⁴ Quine 1969.

⁴⁸⁵ *Theory and Reality*, p. 151.

teorizar sobre o conhecimento será uma atividade puramente descritiva, a examinar os processos causadores da cognição humana.⁴⁸⁶ Fica previsto então o desaparecimento da epistemologia como atividade filosófica.

É evidente que uma posição de tamanho radicalismo estava destinada a encontrar resistência entre filósofos; mesmo que inexistissem justificativas para rejeitar o naturalismo proposto por Quine (e existem boas razões para o rejeitarmos, como veremos mais adiante), os filósofos possivelmente o combateriam por medo de perder o emprego! Como escreve Godfrey-Smith,

Essa oposição nada tem de surpreendente; Quine parece alegar que filósofos interessados em questões relativas a crenças e conhecimento devem fazer as malas e ir para casa. Da mesma maneira que cientistas simpatizam com a descrição heroica da atividade científica provida por Popper, muitos filósofos ignoram a alegação de Quine de que não há nada de importante para fazermos (a menos que obtenhamos diplomas de psicologia e nos mudemos para o departamento de psicologia).⁴⁸⁷

Com a ascensão do fisicalismo, a ameaça da irrelevância paira sobre os filósofos em nova roupagem. A nova metafísica encoraja o avanço da neurociência cognitiva e da psicologia evolucionista, e teme-se que esse seja um jogo de soma zero, onde a filosofia perderá espaço na mesma proporção. Neurociência cognitiva e psicologia evolucionista estão para a filosofia da mente como a psicologia (conforme Quine a interpretava) está para a epistemologia em *Epistemology Naturalized*. Seria o *zeitgeist*, então, um tormento para a empregabilidade do filósofo? Será que nada nos resta a investigar?

Diante desse questionamento, deve-se dizer que o pessimismo (ou otimismo, no caso de cientificistas hostis à filosofia!) pode ser ingênuo, e há boas razões para pensar que esse é exatamente o caso. Mais uma vez, Godfrey-Smith oferece uma perspectiva clara daquilo que estamos a discutir. Ele diz que é viável adotar uma posição naturalista que atenta para a importância das questões filosóficas. Nessa perspectiva, *questões filosóficas* diferem de *questões científicas*; por isso, “não há razão para esperar uma substituição da epistemologia pela psicologia e outras ciências. A ciência é empregada como um recurso pela

⁴⁸⁶What is Naturalized Epistemology?, p. 224

⁴⁸⁷ Idem, p. 151. Minha tradução.

filosofia, não como um substituto”.⁴⁸⁸ Godfrey-Smith diz que uma abordagem filosófica que permanece na epistemologia é a busca de fatores *normativos* a orientar a busca do conhecimento. Não é tarefa para a psicologia científica descobrir que métodos para fixação de crença são bons ou ruins.⁴⁸⁹ De fato, muito do que se discute em epistemologia hoje pouco tem a ver com as sugestões de Quine. É verdade que podemos interpretar Quine como propondo justamente a eliminação da agenda normativa mencionada por Godfrey-Smith. Tal sugestão, porém, teve menos impacto sobre a epistemologia do que um entusiasmado fã de Quine poderia esperar. Um exemplo: abordagens normativas pipocaram por toda parte em resposta ao famoso artigo de Edmund Gettier “Is Justified True Belief Knowledge?”, de 1967.⁴⁹⁰ A questão para a qual Gettier chama atenção no artigo é a tradicionalíssima perspectiva do conhecimento como crença verdadeira justificada e suas deficiências. O fato de um artigo com tais preocupações gerar tamanha repercussão mostra o alcance relativamente limitado da agenda de Quine. O filósofo de Oxford Timothy Williamson, um dos mais proeminentes desenvolvedores da epistemologia pós-Gettier, elaborou até mesmo uma recente teorização e defesa da filosofia como atividade eminentemente reflexiva, que se desdobra sem perder a ciência de vista, mas paralelamente a ela.⁴⁹¹ Williamson logrou inclusive teorizar em detalhe a respeito da epistemologia da modalidade metafísica⁴⁹² e sobre a relação entre alegações filosóficas e evidências e experimentos de pensamento, apresentando ao mesmo tempo justificativas para o emprego de tais recursos por filósofos. É certamente interessante para os propósitos da tese aqui defendida que Williamson veja o trabalho dos metafísicos contemporâneos, e o seu próprio, como uma continuidade de metafísica tradicional, incluindo as suas encarnações pré-kantianas!⁴⁹³ Não é isso que se espera de uma disciplina decadente ou moribunda!

Outra razão para o naturalismo concebido por Quine não impressionar seus leitores filósofos é a inseparabilidade da ideia de evidência de considerações

⁴⁸⁸ Ibidem. Minha tradução.

⁴⁸⁹ Idem, p. 152-153.

⁴⁹⁰ *Analysis*, 23, p: 121-123.

⁴⁹¹ Ver o livro recente de Williamson, *The Philosophy of Philosophy* (Williamson, 2007).

⁴⁹² As ideias de Williamson sobre, respectivamente, modalidade metafísica, a relação entre alegações filosóficas e evidência e experimentos de pensamento estão em *The Philosophy of Philosophy*, p. 134-178, p. 208-246 e p. 179-207.

⁴⁹³ Idem, p. 19.

normativas, como observou Jaegwon Kim em um artigo de 1988.⁴⁹⁴ Kim argumenta que o projeto defendido por Quine é inviável porque discutir a evidência para crenças a sustentar conhecimento é discutir *justificação*. Sem normatividade não faz sentido falar em “justificação”.⁴⁹⁵ Como diz Kim, “Um conceito estritamente não normativo de evidência não é nosso conceito de evidência; trata-se de algo que não compreendemos”.⁴⁹⁶ A transmutação da epistemologia em psicologia parece inviável. Somado ao histórico do fisicalismo metodológico proposto pelo empirismo lógico, o destino do naturalismo vislumbrado por Quine mostra que tentativas de substituição da filosofia pela ciência têm uma história muito menos vitoriosa do que muitas vezes se supõe.

É bastante plausível que a situação da filosofia da mente *vis-à-vis* a combinação neurociência cognitiva/psicologia seja idêntica. Se existe um jogo de soma zero em curso, porque a filosofia da mente floresce mais e mais? Ingênuo e filosoficamente desatualizado é aquele que afirma que resta menos e menos a fazer na disciplina. Considerando a tese aqui desenvolvida, o melhor exemplo é a discussão dos conceitos utilizados para definirmos o fisicalismo e elaborar os argumentos acima defendidos. “Superveniência”, “realização”, “causação”, “superdeterminação causal”, “fecundidade explanatória” e “lei natural” são todos conceitos filosóficos ou ao menos (como é o caso do último) filosoficamente abordáveis e maleáveis.⁴⁹⁷ A ideia de superveniência é um exemplo excelente. Examinemos por um momento o conceito de superveniência forte como formulado, respectivamente, por Kim (K) e McLaughlin (M):

(K) A é superveniente fortemente em relação a B se e somente se, necessariamente, para cada x e cada propriedade F em A, se x tem F, então existe uma propriedade G em B tal que x tem G, e necessariamente se algum y tem G, y também tem F.

(M) Para quaisquer mundos w_j e w_k , e para quaisquer objetos x e y, se x tem em w_j as mesmas propriedades B que y tem em w_k , então x tem em w_j as mesmas propriedades A que y tem em w_k .

⁴⁹⁴ *What is Naturalized Epistemology?*, p. 226.

⁴⁹⁵ Ibidem.

⁴⁹⁶ Ibidem. Minha tradução.

⁴⁹⁷ Como o são, infelizmente, “zumbi” e “epifenômeno”.

Não parece ser possível definir o conceito fundamental de superveniência (a tese presentemente defendida, lembremos, diz respeito às consequências do argumento da *superveniência*) sem conceitos modais distintamente filosóficos, e definições idem. Se considerarmos verdadeiro que a superveniência é uma noção crucial para a elaboração de uma metafísica fisicalista, enxergaremos claramente a importância da filosofia para a mesma. E é isso que parece ser o caso em um fisicalismo global: todas as propriedades de níveis não fundamentais são supervenientes em relação às propriedades físicas da base subveniente. Mesmo que limitemos as pretensões fisicalistas ao domínio da mente, precisaremos da noção filosófica de superveniência para formular um fisicalismo rigoroso. A metafísica fisicalista não é simplesmente uma extrapolação da ciência de vanguarda ou da física da moda. Ela é o resultado de um processo *filosófico* de avaliação do lugar e dos resultados da ciência. Considerando, como fazem diversos filósofos em trabalhos recentes,⁴⁹⁸ também o conceito de realização de propriedades como crucial, temos ainda mais espaço para a filosofia na articulação do fisicalismo. O mesmo vale para a noção de leis naturais. Inquirir sobre as mesmas é fundamental em um contexto fisicalista, onde os entes fundamentais são imersos em generalizações nomológicas aparentemente irreduzíveis. Considerações filosóficas do tipo só desapareceriam se houvesse uma proibição de perguntar! A introdução da presente tese cita e assume a física conforme Barry Loewer; para Loewer, seus objetivos são:

- 1) revelar as leis que regem a dinâmica dos objetos materiais do mundo macroscópico;
- 2) descobrir leis completas a ponto de explicar totalmente todo e qualquer evento mencionado por tais leis.⁴⁹⁹

Se a física tem como meta a descrição do universo através de leis, é lícito investigar, em uma perspectiva que leva a física muitíssimo a sério, a natureza mesma das leis. Tal questão é um dos problemas tipicamente filosóficos de que fala Godfrey-Smith. Mesmo que cientistas tentem respondê-la (e alguns deles

⁴⁹⁸ Ver *A Physicalist Manifesto: Thoroughly Modern Materialism* (Melnik 2007), *Physical Realization* (Shoemaker 2009).

⁴⁹⁹ Ver Barry Loewer, *From Physics to Physicalism*, p.37-38.

certamente tentarão), a empreitada envolverá raciocínio tipicamente filosófico. De que maneira as leis diferem de acidentes quando consideramos situações contrafactuais? Se leis diferem de acidentes por serem necessárias, elas o são em que sentido?⁵⁰⁰ A imposição da sua ontologia sobre a filosofia torna a ciência um rico campo de investigações. A inviabilidade de uma ontologia *a priori* força os metafísicos a pensar com a ciência, mas a inviabilidade de um fisicalismo irrefletido também lhe impõe conceitos filosóficos. A filosofia encontra espaço mesmo em discussões sobre a própria física fundamental. Huw Price tem atraído a atenção tanto de metafísicos quanto de cientistas com seus escritos sobre a questão do tempo,⁵⁰¹ e o faz sem se limitar aos papéis de comentador de avanços científicos ou faxineiro intelectual à maneira de Fogelin. A repercussão do trabalho de Price (admitidamente uma filosofia com menos ênfase nas questões modais do que a obra de Kim, por exemplo) mostra que muitos cientistas percebem a ubiquidade da filosofia em investigações de ontologia.

Voltemos então para o estudo da mente. Quais as perspectivas para a filosofia nesse campo? Estaríamos limitados (se tal coisa é de fato algo limitado, e não uma tarefa desafiadora, como tudo indica) a mapear as minúcias da realização física, da superveniência e do reducionismo? A resposta é negativa. Manter um compromisso com o fisicalismo não significa obter de imediato total clareza sobre a mente e seu lugar no *big picture*. Mencionou-se, no apêndice ao capítulo anterior, que temos explicações neurológicas satisfatórias de fenômenos mentais vários. Mas o reconhecimento de seu caráter cientificamente rigoroso não torna tais explicações *definitivas*. Não é necessário aqui um comprometimento total com as alegações mais detalhadas das teorias examinadas (tais como a identidade dos mecanismos deliberativos e a atividade da região pré-SMA). O que interessa é mostrar que as ideias propostas são muito mais articuladas e rigorosas do que o discurso dualista supõe.

O debate sobre a investigação científica da mente sequer precisa terminar em alguma forma de neurociência cognitiva. Filósofos da mente como Andy

⁵⁰⁰ Marc Lange foca tais questões em seu *Laws and Lawmakers* (Lange 2009)

⁵⁰¹ Ver o livro de Price, *Time's Arrow and Archimedes' Point* (Price, 1996).

Clark e Alva Noë⁵⁰² têm argumentado que a subjetividade é melhor compreendida se a atividade cerebral for vista como central em um sistema físico bem mais amplo, que consiste na inserção do organismo em seu ambiente. Sendo assim, o entendimento dos fenômenos da subjetividade exige mais do que uma neurociência cognitiva avançada. Já para o também filósofo Tyler Burge, a neurociência cognitiva não é sequer a fonte principal de explicações científicas da mente.⁵⁰³ Burge vê a psicologia da percepção, especialmente a ciência da visão, como a mais promissora e *explicativa* disciplina da subjetividade. Os modelos de percepção obtidos são explicações matematicamente rigorosas⁵⁰⁴ e preditivas.⁵⁰⁵ Na medida em que a psicologia da percepção “identifica padrões psicológicos aprendidos ou codificados no sistema perceptual através de eras de *interação com o ambiente* [grifo meu]”⁵⁰⁶ ela satisfaz a busca de Clark e Noë por uma inserção do cérebro em sua situação biológica.

Não se duvida que uma tendência paralela à de Burge, Clark e Noë, a saber, a neurofilosofia de Paul e Patricia Churchland, deve prosperar e se expandir por algum tempo pelo menos. Dada a sua ênfase em explicações em nível neurológico – uma espécie de miopia na perspectiva de Burge⁵⁰⁷ – podemos antecipar debates filosóficos a muito perdurar entre representantes das tendências rivais. Certamente haverá o desenvolvimento de um meio-termo, assim como o acirramento da posição dos ortodoxos em cada lado. Como se vê, a filosofia pode prosperar em um ambiente fisicalista/naturalista, podendo inclusive fazê-lo com uma visão crítica à ortodoxia.

Mais do que fazer previsões sobre o futuro dos debates, porém, interessa chamar atenção para o que as diferentes tendências e teorias têm em comum. A abordagem filosófica centrada em neurociência, as teorias de Haggard e Naccache, o holismo de Burge, Clark e Noë, assim como a teoria representacional

⁵⁰² Respectivamente, em *Being There: Putting Brain, Body and World Together again* (Clark, 1997), e *Out of our Heads: Why You are not Your Brain, and Other Lessons from the Biology of Consciousness* (Noë, 2010).

⁵⁰³ *A Real Science of the Mind* (Burge, 2010).

⁵⁰⁴ Idem, p. 2.

⁵⁰⁵ Idem, p. 4.

⁵⁰⁶ Idem, p.3. Minha tradução.

⁵⁰⁷ Burge diz que “explicações-padrão em termos de padrões neurológicos não podem explicar a visão porque tais explicações não relacionam a visão, ou mesmo os padrões neurológicos, ao ambiente”. Ibidem, minha tradução.

de Hill, compartilham características salientes para o interessado em metafísica. São elas: 1) Uma ontologia (mas não um método) fisicalista e 2) A ausência de qualquer papel *teórico* (conforme definido na discussão de filosofia da ciência no capítulo anterior) para o conceito de *qualia* (conforme usado pelos dualistas). Tudo que os dualistas podem oferecer nesse cenário é uma sombra fenomenal a acompanhar os processos físicos que vão sendo desvendados. Um exame atencioso das teorias de vanguarda mostra que não há necessidade de semelhante acessório para gerar explicações. Se for exata a discussão do histórico de teorias da mente ao longo de todo o presente trabalho, o acessório em questão tem de ser epifenomenal. E se os argumentos apresentados no capítulo anterior estão corretos, essa não é uma opção razoável. Some-se a isso a implausibilidade de causação mental no dualismo e o resultado é a bandeira fisicalista fincada mais firmemente do que nunca. Tal cenário pode e deve ser abraçado pela filosofia da mente.